

## NOTAS DE APROXIMAÇÃO: MARIA LÚCIA DAL FARRA E ESOTERISMO

NOTES APPROACH: MARIA LÚCIA DAL FARRA AND ESOTERISMO

Ivo Falcão da Silva<sup>1</sup>

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lígia Guimarães Telles

**RESUMO:** O presente artigo é parte da pesquisa de doutoramento com o título de *Caligrafias alquímicas*, em andamento no Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, cujo objetivo principal está em apostar que a poética da escritora, ensaísta e professora paulista radicada em Sergipe, Maria Lúcia Dal Farra, é pautada nos pressupostos da transmutação. Por esse caminho, apostamos que essas transmutações na poética dalfarreana – telas, autores e frutas sendo metamorfoseadas em linguagem poética – são mobilizados, dentre outros aspectos, pela sua aproximação com o esoterismo que, no filão da alquimia, pauta-se na “transformação” como sendo o pressuposto básico dos seus protocolos. Maria Lúcia Dal Farra, ainda na década de 70, conforme explicita em suas entrevistas e depoimentos, aproxima-se de diferentes artes esotéricas e as conduz para os seus livros, dentre elas: a cabala, a quiromancia, o zodíaco, dentre outros. Esse encontro a fez desenvolver sua tese de doutorado com a relação da alquimia em Herberto Helder (*A alquimia da linguagem: leitura da cosmogonia poética de Herberto Helder*), escrever alguns artigos sobre esse tema, assim como introduzir em sua escrita criativa aspectos do esoterismo. Nesse trabalho, estabelecemos algumas aproximações entre o esoterismo e a escritora, trazendo um dossiê composto de artigos, imagens e poemas que serão os elementos motrizes de nossa argumentação, que acredita nos enlances biográficos que unem a poeta e as práticas esotéricas.

**Palavras-chave:** Maria Lúcia Dal Farra. Esoterismo. Poesia.

**ABSTRACT:** This article is part of doctoral research with the title of *Caligrafias Alquímicas*, underway at the Pós-graduação em Literatura e Cultura of the Universidade Federal da Bahia, whose main objective is to bet that the poetics of the writer, essayist and teacher of São Paulo based in Sergipe, Maria Lucia Dal Farra, is guided in the transmutation of assumptions. That way, we bet that these transmutations in poetic dal farreana - screens, authors and fruits being metamorphosed in poetic language - are mobilized, among other things, for its approach to the esotericism that in the vein of alchemy, is guided in the "transformation" as the basic assumption of its protocols. Maria Lucia Dal Farra, still in the 70s, as explicit in his interviews and testimonials, different approaches esoteric arts and leads for your books, among them: the cabal, palmistry, zodiac, among others. This encounter made her develop her doctoral thesis about the relationship of alchemy in Herbert Helder (*The alchemy of language: reading poetic cosmogony of Herbert Helder*), write a few articles on the subject, and enter in your creative writing aspects of esotericism. In this work, we establish some links between the esoteric and the writer, bringing a compound articles dossier, pictures and poems that will be the driving elements of our argument, we believe in biographical links that unite the poet and the esoteric practices.

**Keywords:** Maria Lúcia Dal Farra. Esotericism. Poetry.

---

<sup>1</sup>Doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura (UFBA). E-mail: ivofalcao@ifba.edu.br

“É preciso explicar todo esse trânsito sobre o meu corpo, essa vertigem, e produzir um som que venha e que me diga: aqui estou eu, aqui me explico” (DAL FARRA, 2005, p. 34).

O XXII Congresso Internacional de Professores de Literatura Portuguesa, que aconteceu na Universidade Federal da Bahia no ano de 2008, congregou diversos docentes de diferentes instituições de ensino superior discutindo os rumos do ensino da literatura lusitana em terras brasileiras, a partir daquele ano. No *foyer* do evento, diversas vezes se emaranhavam entre confabulações institucionais e articulação de redes de interação literária. Dentre as figuras que circundavam aquele espaço, uma realçava o olhar dos apresentadores e participantes do evento: uma mulher de porte austero palmilhava os livros dispostos nos *stands*, e sua vestimenta esvoaçante, em diversos tons de lilás – com aspecto sibilino – indubitavelmente chamava a atenção. Os seus adereços, unhas e tamancos combinando com a cor púrpura da roupa, juntamente com os cabelos em apurado desalinho, causavam estranhamento por escapar de uma sobriedade clichê, comum nessas situações acadêmicas.

O local era plenamente ajustado à referida mulher: professora de literatura portuguesa, crítica literária, musicista e poetisa. Maria Lúcia Dal Farra tinha particular interesse em estar naquele lugar, pois estavam sendo problematizadas questões específicas de sua atuação como professora, e caminhar entre os seus pares representava uma forma de projetar-se, também, no campo da literatura enquanto escritora. No entanto, quando se observa a referida autora em diferentes campos de atuação – noite de autógrafos, conferências, documentários e entrevistas –, o seu traje e a sua atuação negrita o seu corpo. Podemos afirmar, portanto, que a corporeidade da escritora se apresenta para o público como um texto ou uma cartografia para ser lida e interpretada. A sua maneira de postar-se diante da sua plateia abre margem para diferentes sendas de compreensão e chaves de leitura. Um dos caminhos possíveis, o que apostamos de início, trata a imagem de Maria Lúcia Dal Farra como sendo aliada às artes da bruxaria e do esoterismo, performatizando no seu corpo, assim, essa condição.

Por esse caminho, em uma entrevista concedida ao poeta Lívio Oliveira, no ano de 2007, a escritora afirma que na década de 1970 começou a apresentar particular interesse em estudar sobre o universo e a sua formação, além de pesquisar com maior profundidade sobre o esoterismo. Num breve átimo dessa mesma entrevista, ao entrar no assunto dos mistérios do mundo e da busca em descerrá-los no texto lírico, ela sinaliza que, possivelmente a partir

dessa mesma época, foi se autodescobrindo como uma bruxa, intensificando com essa fala a imagem mística da autora<sup>2</sup>.

Essa figura de mulher esotérica se espelha em outro depoimento concedido pela escritora, em entrevista ao Jornal da Universidade Federal de Sergipe, quando arguida sobre o título do seu último livro de poemas, o *Alumbramentos*(2012). Nesse material, a poetisa realça dois aspectos importantes, o primeiro se refere ao diálogo que busca estabelecer com a poesia de Manuel Bandeira (autor do poema com o mesmo título da publicação – *Alumbramentos*) em seu livro; o segundo, por outra via, destaca uma cegueira que vez por outra lhe acomete: em sua descrição, uma luz permeia o seu campo visual e depois é progressivamente dissipada. Essa chama que toma a visão de Dal Farra, para ela, é um misto de mistério e descobrimento. Esse lume que toma a escritora, em sua fala, colabora para construir a imagem da autora aliada à arte do encantatório, aproximada com esferas que estão além de um alcance comum, da explicação das ciências exatas e biológicas. Formula-se para o leitor, então, a composição de uma mulher que tem um destaque diferencial, haja vista que tem outro campo de visão, outra perspectiva<sup>3</sup>.

Esse olhar alumbrado, desfocado por uma luz que, de tão intensa, chega a cegar, serve-nos como metáfora para conjugar a poética de Dal Farra. O seu primeiro livro de poemas, o *Livro de Auras*, escrito em 1994 (o título de estreia da escritora), trazia uma discussão teórica intrigante junto à ficção, pois, em meio às destituições da aura do poeta e da arte, a autora escolhe pôr em xeque, no livro, essa prerrogativa, adotando a auratização como o ponto de inquirição. Se Walter Benjamin, no texto *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, apropriando-se da imagem do poeta pintado por Baudelaire, já apontava para a derrocada desse princípio, mostrando que a aura caía no macadame através da entrada do poeta na modernidade, Dal Farra encenava em seu livro justamente o contrário.

---

<sup>2</sup> Dal Farra afirma nessa entrevista: “[...] nunca fui boa em matemática ou em física, muito embora me hipnotizem essas teorias a respeito do universo e das forças que desconhecemos, o que me levou a estudar esoterismo, por exemplo, e isso ainda na década de setenta, e a me descobrir um pouco bruxa – daí meus gatos?! De resto, escrever sempre foi para mim uma urgência, uma maneira de eu me reconhecer criticamente, de me espelhar naquilo que faço, e de proclamar, a cada vez para mim mesma, uma nova existência” (DAL FARRA; OLIVEIRA, 2008).

<sup>3</sup> A mesma consideração é feita por Dal Farra em entrevista a Floriano Martins, na revista virtual *Agulha Revista de Cultura*, em 22 de novembro de 2014. Ao ser arguida sobre o título do seu livro, a mesma ponderação é feita pela escritora, lançando para seu corpo a sua condição de intimidade com o vocábulo *alumbramentos*: “[...] tenho uma cegueira periódica que ocorre a partir de um ponto luminoso que se instaura no meu campo de visão sem mais nem menos, como se uma auréola muito poderosa crescesse da cabeça de uma Madonna medieval que se manifestasse na minha frente e se expandisse por toda a minha órbita visual, preenchendo-a” (DAL FARRA, 2014).

A autora assumia a personagem, em seu primeiro livro, da escritora que lutava com todas as suas ferramentas literárias em prol de uma busca pela permanência da aura. Falamos sobre isso utilizando termos do campo das artes cênicas, pois a autora vai, no decorrer do livro, mostrando o quão de balde se mostra a sua investida, diante de uma era que Zygmunt Bauman<sup>4</sup> alertava ser direcionada para a liquidez e a perda de um local de sublinha especial dedicado ao poeta. A cadência desse livro mostra que o projeto de Maria Lúcia, utópico desde o princípio, destinava-se, em verdade, ao plano do revisionismo (do colocar em xeque) de ideias formatadas pelo seu tempo contemporâneo – um tom choroso se delineia na autora ao notar que a busca por essa unicidade, por unir os pedaços, é vã.

Esse olhar metaforicamente (e intencionalmente) desfocado da autora, assim, busca trazer, no cerne da sua produção, uma discussão a contrapelo das vertentes teóricas do seu tempo, encetando pontos de vista questionadores e visando desestabilizar pilares tratados como plenos e sustentados. Ao invés de apontar uma visão unívoca do início ao fim do seu livro, mostra, com certo pesar, no fim da sua coletânea de poemas, a inevitável perda da aura.

Essa mesma aura que remete ao campo do discurso benjaminiano alude, também, ao campo do esoterismo. A aura como um envolto que recobre o corpo em camada invisível a olho nu, denunciando, por sua vez, o estado de humor que esse corpo possui (GREER, 2012, p. 82), é uma das perspectivas em jogo no livro de estreia de Maria Lúcia. Na capa do *Livro de Auras*, duas rajadas de cor laranja, em duas tonalidades diferentes, marcam o centro da publicação. Segundo propõe os estudos sobre a aura, a cor alaranjada é a busca de um sentido de vida que vai além do aparente. Podemos afirmar que o projeto dalfarreano objetiva extrapolar o limite do visível e percorrer por sendas diversas, aquém das usuais de seu tempo.

O corpo autoral de Maria Lúcia Dal Farra segue pela mesma torrente de suas posições teóricas e literárias, objetivando compor-se pela via do não convencional, em situação de revés, expondo, por sua vez, novas possibilidades de mirada para si. Assim, sabendo-se que Maria Lúcia Dal Farra conjuga, além do seu exercício de escritora, o papel de crítica e teórica<sup>5</sup>, podemos encontrar num mapeamento de sua produção ensaística um levante de estudos que problematizam a relação do escritor com o esoterismo.

---

<sup>4</sup> Modernidade líquida é uma terminologia utilizada por Zygmunt Bauman para afirmar que a modernidade está próxima à relação de fluidez, perda das utopias, e direcionada para a mudança das relações sociais, marcadas pelo signo do fugaz.

<sup>5</sup> Maria Lúcia é atualmente professora aposentada da Universidade Federal de Sergipe, mas já lecionou na Universidade de São Paulo e na Universidade de Campinas. Ajudou a constituir o setor de teoria literária na UNICAMP ao lado de Antônio Cândido. Tem diversos ensaios, livros e artigos publicados no Brasil e exterior. Publicou seu primeiro livro de literatura no ano de 1994.

De antemão, investimos que as publicações de cunho crítico da autora servem como um elemento importante a corroborar para a construção de mulher esotérica de Dal Farra. Além disso, pode-se perceber que existe um deslizamento das reflexões teóricas da escritora para a sua produção literária. No entanto, antes de entrarmos com acuidade nessa questão, investiremos num mapa dos textos da autora que debatem a temática do esoterismo, expondo, por sua vez, quais são as perspectivas de Dal Farra em sua atuação crítica sobre o assunto.

Para direcionar o nosso trabalho é importante delimitar o que entendemos diante do termo esoterismo em seu trânsito com os estudos literários. Consoante às ideias de José Fernandes<sup>6</sup> (1993), que considera essa ciência como incorporadora de diferentes linhas (sejam elas a cabala, a alquimia e as distintas vertentes da bruxaria), ponderamos que o esotérico tem uma variedade de manifestações em seu arco de alcance. Poderemos verificar mais adiante como essas distintas ramificações se fazem presentes na literatura dalfarreana, reforçando o caráter místico da autora. Acrescentamos ainda que a relação entre esoterismo e literatura é uma equação que percorre diferentes literaturas, tal como a de Fernando Pessoa, Clarice Lispector, dentre outros tantos escritores.

Há estudiosos como John Michael Greer (2012), no entanto, que preferem utilizar o termo magia para abranger as diferentes ramificações dela, tais como as citadas anteriormente relacionadas à alquimia, acrescentando, ainda, os métodos divinatórios da quiromancia, geomancia, dentre outros. Nota-se que não existe fixidez para determinar uma nomenclatura específica para essas expressões mágicas (ou esotéricas), pois, como pondera Greer, ainda podemos encontrar tratamentos como ocultismo, para trazer maiores querelas para essa questão nomenclaturista.<sup>7</sup>

O primeiro traçado deste cartograma acerca da produção teórico-crítica de Maria Lúcia Dal Farra parte da tese de livre-docência para a Universidade de Campinas, feita pela autora em estudo em 1987, resultado de sua estadia na *École Pratique des Haute Études*, na Sorbonne, em Paris. A empreitada consistia em estudar a relação entre poesia e esoterismo presentes na produção poética da modernidade, com destaque para Baudelaire, Rimbaud, Mallarmé e os surrealistas franceses. Essa tese permanece inédita até hoje, pois, ao retornar da

---

<sup>6</sup> José Fernandes, em seu artigo *Literatura e esoterismo*, afirma que “[...] a literatura, com pouca ou com maior intensidade, dependendo da perspicácia dos autores, sempre foi campo fértil para a atualização ou simples transplantes de componentes das ciências esotéricas: cabala, mandala, alquimia e, às vezes até de elementos ligados à alta e à baixa magia” (FERNANDES, 1993, p. 63).

<sup>7</sup> Diante desses tópicos apontados, escolhemos adotar, em grande parte de nosso trabalho, o termo esoterismo, haja vista que é o mais utilizado pelos autores que acessamos para pensar as diferentes configurações da alquimia e bruxaria. No entanto, frisamos a falta de conciliação dos estudiosos sobre esse termo.

França e aportar no Brasil, os confrades de universidade da autora, na década de 80, achavam esse texto um tanto deslocado, sem espaço dentro da instituição. Com essa “represália”, ela preferiu guardar a tese e não trazê-la ao lume do público de modo íntegro, em livro.

Não obstante, desse trabalho temos duas partes publicadas, respectivamente: uma tratando sobre Baudelaire e o esoterismo, presente na *Revista Remate de Males*, da UNICAMP; e outra sobre os surrealistas, em um capítulo de livro intitulado “Surrealismo e esoterismo: a alquimia da poesia”, publicado pela editora Perspectiva. Partamos inicialmente do artigo “Anotações de uma bibliógrafa: Baudelaire e o esoterismo”. Nesse artigo, existe um forte investimento em compreender como a poesia dessa geração da modernidade francesa estava atrelada às práticas do esoterismo.

O primeiro ponto de aproximação entre os poetas e o esotérico, segundo a tese da autora, dá-se por uma busca de dissensão com relação às leis do mercado e do capitalismo da época. Sendo assim, escrever sob esse crivo representa uma maneira de resistir aos imperativos mercadológicos da época que impingiam formas específicas de tratamento à literatura. Trazer o esoterismo para a produção poética foi uma maneira encontrada de escapular desse paradigma do mercado editorial do momento.

No entanto, o que é mais importante compreender dessas poesias é como se dava o trânsito entre a escrita poética e as práticas de esoterismo. O que a geração da modernidade francesa, com destaque para Baudelaire, executou foi, em verdade, aplicar os pressupostos desses fundamentos simbolicamente no processo de elaboração da linguagem poética, pois “[...] a magia, o ocultismo, a alquimia, ciências envolvidas de mistério são invocadas pois admitem o mesmo enigma que o poeta tenta perseguir e pinçar” (DAL FARRA, 2014, p. 103). Dotados de paradigmas similares – a dúvida, o incerto, o invisível e o incalculável –, poetas e esoterismo se irmanavam de propósito nesse momento.

Dal Farra elenca alguns traços da alquimia que se fazem presentes na produção poética desses escritores, como, por exemplo, a técnica de dissolução e reconstrução (ou coagulação), sintetizada pela expressão latina do *solve et coagula*<sup>8</sup>. Segundo esse princípio, os objetos, para adquirirem novas feições e outras prerrogativas, precisam passar por um processo aproximado de diluição e reelaboração. Na poesia dos poetas franceses, isso era representado por meio de

---

<sup>8</sup> Para John Michael Greer, as palavras “solver” e “coagular” são importantes em todo o processo de realização da alquimia, assim, “[...] quando isso é feito com metais, segundo a tradição alquímica, o resultado é a transformação de metais menos nobres em ouro e prata. Quando isso é feito com ervas medicinais, o resultado é um medicamento poderoso. Quando isso é feito com a mente humana, o resultado é a iluminação espiritual [...]” (GREER, 2012, p. 36). No instante em que as recombinações são feitas no texto poético, seja através de apropriações ou recombinações, amplia-se o olhar para diferentes objetos culturais.

um esmaecimento da personalidade do poeta, buscando conceder supremacia à linguagem. Além disso, esse mecanismo se fazia presente por meio de conceder novos estatutos para objetos culturais de modo geral.

Faz-se necessário pausar a leitura teórica feita por Dal Farra acerca dessa temática e emergir, de modo intervalar, a relação da escritora com esses postulados em sua ficção. Dizemos isso, pois é possível encontrar, disseminadas na poética de Dal Farra, elaborações poéticas aproximadas dos princípios discutidos anteriormente. A retirada dos objetos de cultura dos seus lugares convencionais a serem realocados, relidos pela autora, é uma prática constante em seus textos poéticos. Para ilustrarmos isso, trazemos os poemas presentes na seção “Viveiro”, constante no *Livro de Auras*. Nessa referida seção, a autora captura diferentes objetos, personagens e artistas, sejam eles uma tela de Vincent Van Gogh, Hamlet, Ofélia, o canto de Maria Callas, até mesmo uma concha, árvore ou pantera.

Essa atitude tomada pela escritora se aproxima do procedimento alquímico apontado de redistribuição e inserção de novos significados (e sentidos) para esses diferentes objetos culturais. Se, por exemplo, uma pintura tem um espaço de realização em tinta numa tela, a escritora ressignifica essa ideia colocando a tela de pintura sendo lida por outro suporte, através da linguagem poética. Esse procedimento não se dá, na poética de Maria Lúcia Dal Farra, como mera apropriação, incorporação e enxertos de leitura. Para a autora, esse processo favorece a concessão de “novas cidadanias” para esse objeto. Assim, dilui-se o objeto de sua paragem e apreciação convencionais e importam-se novos olhares.

Está pinçada, dessa forma, como a poesia da escritora importa as concepções que estão presentes na produção de Baudelaire (e seus pares), no que se refere ao esoterismo. Ainda no tocante às novas possibilidades que um determinado objeto pode adquirir, moldado pelo princípio de reconfiguração dos manejos alquímicos, Dal Farra afirma que “[...] cada coisa perde os seus contornos culturalizados, se esbate e se torna uma parte de um outro todo que é uma imensa rede de significados se esbatendo contra seus significantes [...]” (DAL FARRA, 2014, p. 106). A leitura feita por Dal Farra comporta aproximar a teoria alquímica do *solve et coagula* com a produção poética feita por Baudelaire, que está sustentada, primordialmente, na ideia de transmutação alquímica, isto é, retirar um determinado objeto de seu lugar comum e lhe dar outra natureza.

Por fim, o outro ponto de discussão relevante desse artigo (“Anotações de uma bibliógrafa”) para o nosso trabalho diz respeito aos procedimentos linguísticos e literários que

são invocados na produção literária para entrecruzar a poesia e o esoterismo sob o prisma da modernidade. Para responder a essa questão, Dal Farra recorre à figura de linguagem do oximoro, que se manifesta na união (em uma mesma construção linguística) de elementos contrários. Segundo sinaliza a autora, o processo de imantação entre os elementos díspares situa um dos principais postulados das ideias alquímicas – a convivência entre os diversos em estado de comunicação. A condição de oximoro é dramatizada por Maria Lúcia Dal Farra em diferentes circunstâncias, pois, em sua escrita poética, encontra-se desenhada a vivência de elementos aparentemente contrários em si, mas que, pelo trato da linguagem poética, encontram um “acordo possível”.

Muito além da escrita poética, a posição autoral da referida autora pode ser pensada também sob a ótica do oximoro. Em um depoimento proferido na Universidade Federal da Paraíba no ano de 2003, que veio a público sob o título “Minha Poesia de Mulher”, Dal Farra se coloca numa espécie de confessorário e problematiza a sua escrita criativa, colocando para os seus leitores quais são os procedimentos que lhe são caros no processo de criação literária. A autora coloca em miúdos questões consideradas e ditas fundamentais em sua poética, mas o que fica de mais instigante nesse texto é a corporeidade encenada pela escritora para descrever a sua poesia. O corpo (de modo proposital) é a primeira instância evocada com destaque em sua produção, corpo esse que é desenhado em condição esponjosa, aberto e pronto para absorver no próprio regaço a variedade do mundo.

Essa corporeidade sente-se outorgada para congregar em si os diferentes, como sinaliza a autora: “[...] é assim que meu corpo se converte num imenso pasto de alheios, comunitário e aberto para albergar a intensa variedade do mundo, para dar-lhe voz e direito de outras cidadanias linguísticas” (DAL FARRA, 2003, p. 1). Desse modo, a poética da escritora mostra-se, pelo viés do corpóreo, como sendo responsável por alimentar-se de diferentes substâncias e ter uma atitude ressignificadora. Esse ato não acontece de modo passivo, mas, sim, como uma atitude primordialmente transformadora. O corpo de Dal Farra é dramatizado nessa fala como uma instância de agregação, de comunhão e de cumplicidade.

Cabe a esse imenso corpo – “morada dilatada” – funcionar como uma maquinaria para receber seres de diferentes realidades, díspares e diversos, e transformá-los em matéria linguística. Desse modo, podemos concordar que a relação entre a autora e o oximoro é bem possível, pois, se essa figura de linguagem congrega em um mesmo momento do texto ideias diferentes, o corpo de Maria Lúcia Dal Farra, por meio de seus textos literários, abraça os



elementos díspares para conceder novas prerrogativas para esses elementos através da poética da autora.

Podemos desenhar, desse modo, dois pontos importantes para apresentar um *flash* autoral de Maria Lúcia Dal Farra. O primeiro é uma conformação entre a imagem do esoterismo e da literatura da autora<sup>9</sup>. Falamos disso, pois podemos observar um tripé que é sustentado até o momento pelos seguintes pilares: oximoro, corpo e esoterismo. Corpo oximoro teatralizado na condição de pousada hospedeira. Oximoro que mistura e funde os contrários, seja na crítica ou na produção literária da autora. Sendo assim, podemos notar que a teoria, a literatura e a performance de Dal Farra trabalham por construir uma imagem autoral esotérica/feiticeira/mística da autora.

Mas não é somente em trabalhos ensaísticos isolados da autora que encontramos essas reflexões sobre o universo místico. A tese de doutoramento defendida por ela na Universidade de São Paulo, em 1970, já apresentava reflexões contumazes sobre a alquimia e a literatura. A tese *A Alquimia da Linguagem: a Cosmogonia Poética de Herberto Helder* discute como o escritor português faz uso dos pressupostos da alquimia para usá-los em sua poética. Essa tese publicada em livro coloca em questão como Helder faz uso de leis e regras da arte alquímica de modo implicado no processo de sua escrita. São diversos pontos que são mobilizados pela crítica Dal Farra para sustentar o seu argumento central. Dentre eles, encontrar na poesia helderiana a presença das inscrições presentes na Tábua Esmeraldina, o tratado que compila as principais diretrizes dos fundamentos alquímicos.

Nessa Tábua, encontra-se, dentre vários aspectos norteadores, a seguinte assertiva: “tudo que está em cima, está em baixo”. Essa guia diretriz solicita, para o diálogo entre duas esferas (superior e inferior) e para o estabelecimento de interseções entre diversos elementos, uma quebra de hierarquias. Na poesia “Obra ao branco”, presente em *Alumbramentos*, podemos verificar como a tônica da alquimia se faz presente de modo realçado na produção de Dal Farra. Esse poema encontra-se alocado na nona e última seção de poemas do referido livro, sob o título *La Dame à La Licorne*<sup>10</sup> – uma coleção de tapeçarias que a poetisa se propõe a estudar para construir seus textos pelo crivo da intertextualidade. Em toda a coleção se destaca a presença de duas personagens centrais (como o título da obra em francês já indica): uma dama e um unicórnio.

<sup>9</sup> Ainda iremos nos defrontar com outras imagens no decorrer deste trabalho.

<sup>10</sup> La Dame a La Licorne é uma série de seis tapeçarias encontradas no Castelo de Boussac, na França, em pleno século XVI. Essa coleção está exposta no Museu de Cluny desde 1982, em Paris.

A tapeçaria é, por sua vez, o mote para a escritora emergir no texto lírico a sua verve de “leitora alquimista”, deixando resvalar a sua pulsão esotérica, portanto, em mais uma elaboração. O poema é iniciado com a convocação de dois elementos químicos que são fundamentais para a alquimia: o mercúrio e o enxofre. Vejamos: “O enxofre / (no seu elemento) / se abriga sob a amendoeira - / e o leão branco das insígnias / que não tremula (por ser fixo) / - coagula, / Já o mercúrio se dissolve, atraído pela Virgem / (imã e irmã em condição)” (DAL FARRA, 2012, p. 138). Conforme os protocolos da alquimia, o carbono representa o elemento masculino marcado pela fixidez, já o mercúrio está direcionado para o feminino, volátil e tendido a certa maleabilidade.

Analogamente ao poema, o mercúrio, que representa o feminino, está sendo atraído pela virgem, já o carbono, o macho da alquimia, próximo ao masculino, está encostado à figura do leão. Com essa cena composta, virgem e leão, tal como mercúrio e carbono, entram num processo de combinação, através do pressuposto do *solve et coagula*. O carbono não tremula – coagula – em virtude de sua rigidez, já o mercúrio se dissolve (movido pelo solve) por meio de suas propriedades específicas. Organiza-se através da tapeçaria, da alquimia e da performance de Dal Farra um processo de simbiose desses elementos na poesia.

Já na segunda estrofe do poema, outra personagem é convocada, o unicórnio. Esse animal, por sua vez, coroado através de fenômenos da natureza, tais como o “chuveiro de couro” e a “nuvem dos cascos cristalinos”, encontra na dama a parceira diletta para que possa executar um processo de cúmplice união e, também, de olhar sob o prisma revelador para o mundo. Chegamos, por fim, na terceira estrofe, “Ambos / observam / (no espelho) / o exemplo da natura: / o que está em cima está em baixo - / e o espírito do unicórnio / percorre adentro as formas da dama” (DAL FARRA, 2012, p.138). O mandamento que sugere: “tudo que está em cima está em baixo” (da alquimia, como vimos anteriormente) vai encontrar campana na poesia da escritora. Esse postulado propõe pensar na existência de um reflexo do metafísico na natureza.

Um enredamento se estabelece, portanto, com a leitura desse poema e da tese de doutoramento supracitada de Maria Lúcia Dal Farra. Encontramos um entrecruzamento de teoria e ficção, com destaque, nesse momento, para alguns procedimentos alquímicos que estão em estado de diálogo entre crítica e poesia<sup>11</sup>. Enquanto ela teoriza em *A Alquimia da*

<sup>11</sup> Cabe referenciar, nesse momento, a dissertação intitulada *Sob o signo da posse*, produzida por Ivo Falcão da Silva, em 2013, no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, na qual é defendida pelo autor a existência de um entrecruzamento entre as produções teóricas, professorais e criativas de Maria Lúcia Dal Farra.

*Linguagem* sobre a tradição dos aportes alquímicos presentes em textos de Herberto Helder, numa leitura dos poemas dela, é possível encontrar a aplicação dessas mesmas teorias em seu trabalho ficcional. A alquimia se entremostra na poesia da escritora, entretanto, não existe uma declaração escancarada da sua filiação com os ideais alquimistas, é necessário ter um olhar atento para a sua poesia. Até quando se apresenta dessa maneira, Dal Farra coloca-se como cúmplice dessa arte esotérica, pois na alquimia existe um procedimento, comum entre os magos, de cifrar e de encobrir os trabalhos no trato com as substâncias químicas – raramente as fórmulas e encantamentos estão às claras. A autora embaralha esses pressupostos, cabendo ao leitor destrinçar esses entrecruzamentos discursivos (se lhe interessar).

Outro argumento sustentado por Dal Farra teoricamente para pensar sobre a presença do esoterismo na literatura é encontrado na seguinte aposta feita por ela: “[...] o percurso do esoterismo [...] poderia incluir o de reapropriação e iluminação de um mundo negado e marginalizado pela nossa cultura que, por ser reativado, acarreta como formas de resistência o insólito [...]” (DAL FARRA, 1986, p. 71). Mais uma vez, podemos encontrar essas ideias presentes no bojo das produções e exposições realizadas pela autora. Para estabelecermos um cruzamento entre elas, trazemos sua fala em entrevista dada a Floriano Martins, no *Diário de Cuiabá* em 2014: “A poesia só existe quando se coloca contra a linguagem que vigora, cavando frestas por onde significar outra coisa que ela mesma nem sabe o que é. Isso há um jeito de viver isso: no impasse” (DAL FARRA, 2014, p. 2).

Cabe destacar uma palavra no discurso de Dal Farra: impasse. Está no impasse uma das principais inquietações de sua poesia. Não lhe importa encontrar um espaço simploriamente possível, calmo e confortável. O tributo que lhe cabe é a busca incessante por instaurar uma voz dissonante, um trabalho de encontro à correnteza. É nessa seara que cabe à autora apresentar os seus trabalhos, cujos temas margeados na literatura interessam-na com especial atenção. Dentre esses podemos destacar a eleição de um jarro em uma toalha de crochê, de uma berinjela ao forno ou até mesmo de um bibelô. É uma poética das frugalidades, do pequeno, do esquecido. No cerne disso encontra-se o perfil da autora

---

Acreditamos que a autora produz teoria em sua ficção e ficção em sua produção teórica (dentre outros arranjos possíveis). Essas constatações se tornam possíveis fazer, ainda, pelos estudos desenvolvidos no projeto *O escritor e seus múltiplos: migrações*, do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, que investiga as tramas de escritores com o perfil de docente, ficcionista e crítico, verificando como essas múltiplas atuações desembocam em seus variados textos. Por isso cremos que o perfil teórico de Dal Farra também percorre a sua poesia no tocante aos temas relacionados ao esoterismo.

enquanto esotérica, pois está no esoterismo essa busca em trazer os elementos que estão situados em paragens inativas e encontrar a voz na fala do poeta.

Por esse caminho, são diferentes vias que podem dar acesso para delinear a presença do esoterismo em distintos campos de atuação na lírica de Dal Farra. Os espaços acessados até aqui não se esgotam na lírica da autora, haja vista que ainda podemos encontrar estudos teóricos da autora sobre o tarô<sup>12</sup>, além de encontrarmos delineadas, em sua escrita poética, imagens do zodíaco e da numerologia.

A numerologia, por exemplo, é um elemento bastante instigante para atrelarmos à poética dalfarreana. Existe um jogo presente nos livros de poesias da autora em estudo que nos leva para essa paragem, principalmente no que tange à presença do número três. As duas primeiras publicações da autora apresentam-se subdivididas em três partes, sendo que em duas seções do *Livro de Auras* estão presentes 33 poemas. Enquanto isso, no *Livro de Possuídos*, essa conta se adensa e podemos verificar que, em cada uma das três seções, há 33 peças líricas. Segundo as tradições esotéricas, o referido número pode desembocar em diversas interpretações. Conforme o pensamento pitagórico, o três é o primeiro número, haja vista que possui início, meio e fim. Já para o simbolismo mágico do Renascimento, o número três representa o poder e a perfeição (GREER, 2012). Esse tramado construído pela autora, ao mesmo tempo em que sugere uma intencionalidade, com o objetivo de demarcar uma crença no poder dos números, colabora para pensar a sua lírica, mais uma vez, como vinculada às artes mágicas.

Além disso, a quiromancia, uma arte milenar relacionada à leitura do destino humano através das mãos, é discutida em um poema de mesmo nome, “Quiromancia”, presente no *Livro de Auras*. O sujeito poético do poema em questão coloca-se como uma leitora das mãos, e, no centro dela, soerguem-se imagens relacionadas ao ato do toque. Tocar significa dar ânimo e vida aos objetos. Das mãos são retiradas leituras, interpretações. A palma da mão é texto que se coloca em signos cifrados para serem lidos. Acrescido a isso, a autora amplia sua rede de intervenções no campo esotérico, fomentando a formação do seu nome de autora.

Esta primeira parte, portanto, preocupou-se em mostrar como existem indícios na crítica e na literatura da autora que comprovam a hipótese de uma filiação dela às artes

---

<sup>12</sup> Referimo-nos ao texto: “Uma leitura poética do tarot, de Renata Bonfim”. Nesse material, Dal Farra retoma de modo breve os seus estudos gerais sobre esoterismo (muitos deles suscitados no decorrer desse texto) e, em seguida, efetua um estudo teórico sobre a apropriação das imagens presentes nas cartas de tarô em analogia com imagens poéticas constantes no livro de poemas de Renata Bonfim. No texto, aposta na apropriação de preceitos da tarologia em textos poéticos.

esotéricas. Mas a imagem que abre este capítulo se faz mister retornar. O corpo que perpassa de roxo pelo Congresso da ABRAPLIP, que se destaca pela sua vestimenta e estilo entre os seus confrades, pode passar de modo incólume, admitamos, por um olhar despretenso. Podem afirmar que foi a escolha de um dia usar aquelas cores e combinações. Dizer ainda que as escolhas daquele corpo se apresentar daquela maneira não desencadeiam questões a serem pensadas, tanto na sua poética, quanto na sua imagem pública, pois pode ser considerado como um fato isolado.

Mas aquele corpo que atravessou o Congresso de Professores de Literatura Portuguesa perpassa de modo semelhante por diferentes espaços públicos de visibilidade. É notório em sua atuação enquanto escritora a presença da cor lilás em seus diferentes tons, da sua roupa e desembocando nas capas de seus livros. Esse corpo-imagem que capturamos neste artigo para apresentar Dal Farra não se restringe àquele momento: se prolifera em vários contextos. Espraia-se por diferentes mídias e espaços de visibilidade.

Perscrutando estes signos, interessa-nos apresentar um desenho autoral para Dal Farra, encontrando na sua imagem performática pública um curso para pensar também sobre aspectos da sua literatura. Concordamos com Dal Farra quando ela diz, quando questionada sobre o seu perfil autoral, que ela é, em verdade, uma colcha de retalhos – um *patchwork*. Diríamos mais, todos os escritores estão numa condição de múltiplos pedaços organizados em uma imagem falivelmente una. Não estamos aqui interessados em afirmar que a imagem de autora que propomos para Dal Farra é a mais assertiva ou que descobrimos uma chave de leitura definitiva para auxiliar na compreensão de sua literatura. Ao contrário, na sua colcha de retalhos queremos apenas uma tira de pano desse mosaico: escolher um pedaço da sua “constelação zodiacal” e investir numa imagem (inevitavelmente evanescente) de autor.

## REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: ADORNO et al. **Teoria de cultura de massa**. Trad. Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

DAL FARRA, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Lívio. In: **Entrevista de Maria Lúcia Dal Farra ao poeta Lívio Oliveira**. Disponível em: <http://www.substantivoplural.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2008.

\_\_\_\_\_. A Florbela de Agustina. In: \_\_\_\_\_. **Labirintos**(Revista Eletrônica de Estudos Portugueses. UEFS, 2007. p. 1-13.

- \_\_\_\_\_. **Alumbramentos**. São Paulo: Iluminuras, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Inquilina do Intervalo**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Auras**. São Paulo: Iluminuras, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Livro de Possuídos**. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- \_\_\_\_\_. Minha Poesia de Mulher. In: \_\_\_\_\_. **X Seminário Nacional Mulher e Literatura**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2003.
- \_\_\_\_\_. Os frutos sazonais do feminino: Adélia, Adília e Paula Tavares. In: \_\_\_\_\_. **Revista de Letras**. São Paulo: UNESP, 2008b. p. 27-36.
- \_\_\_\_\_. **A alquimia da linguagem**: a cosmogonia poética de Herberto Helder. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Anotações de uma bibliógrafa**. Disponível em: <<http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/view/2772>>. Acesso em: 10 ago. 2014a.
- \_\_\_\_\_. Discurso da homenageada. In: \_\_\_\_\_. **Maria Lúcia Dal Farra, escritora botucatuense**. Botucatu: Academia Botucatuense de Letras, 2006.
- DAL FARRA, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Lívio. In: **Entrevista a Lívio Oliveira**. Disponível em: <<http://www.substantivoplural.com.br>>. Acesso em: 20 ago. 2008.
- DAL FARRA, Maria Lúcia. **Uma leitura poética do amor, por Renata Bomfim**. Disponível em: <<http://www.letraefel.com/2011/09/uma-leitura-poetica-do-tarot-por-renata.html>>. Acesso em: 04 jun. 2014b.
- DAL FARRA, Maria Lúcia ; PIZA, Maria Amélia Blasi de Toledo ; DAL FARRA, Jesumina Dal ; DONATO, Hernâni ; VIEIRA, José Celso Soares. **Maria Lúcia Dal Farra, escritora botucatuense**. Botucatu: Academia Botucatuense de Letras, 2006.
- DAL FARRA, Maria Lúcia; MARTINS, Floriano. A dona do Jabuti. In: **Jornal Universidade Federal de Sergipe**. Aracajú: Universidade Federal de Sergipe, 2013.
- DAL FARRA, Maria Lúcia; SILVA, Fábio Mario da. Entrevista – entre a crítica e a poetisa: entrevista de Maria Lúcia Dal Farra. In: **Revista Alêre**. Disponível em: <<http://www.ppgel.com.br/Setimo-Numero/ENTREVISTA---Entre-a-critica-e-a-poetisa-entrevista-de-Maria-Lucia-Dal-Farra->>. Acesso em: 23 mar. 2015.

FERNANDES, José. Literatura e esoterismo. In: **Revista Signótica**. Vol. 5. Goiás: Universidade Federal de Goiás, 1993.

GREER, John Michael. **Dicionário enciclopédico do pensamento esotérico ocidental**. São Paulo: Pensamento, 2012.